



Gláucia de Oliveira,  
Luis Fernando Bene  
organizadores

OS PEQUENOS F  
DE PARTID  
novos e(i)migrant  
à Itália no sécul

EDITORA CRV  
Curitiba - Brasi  
2014

Gláucia de Oliveira Assis  
Luis Fernando Benedtizi  
organizadores

OS PEQUENOS PONTOS  
DE PARTIDA:  
novos e(i)migrantes rumo  
à Itália no século XXI

EDITORA CRV  
Curitiba - Brasil  
2014

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Ralison Moura

Diagramação e Capa: Editora CRV

Foto da Capa: Freemages

Revisão: Juarez Segalim

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNR/UFRR)  
Prof. Dr. Antônio Pereira Gato Junior (UFRRJ)  
Prof. Dr. Carlos Alberto Viar Estevão  
(Universidade do Minho, LAMNHO, Portugal)  
Prof. Dr. Carlos Frederico Dominguez Avila (CNEURO - DF)  
Prof. Dr. Carmen Tereza Velango (UNR)  
Prof. Dr. César Conti (FSCar)  
Prof. Dr. César Gerônimo Telo  
(Universidade Nacional de Trés de Febrero - Argentina)  
Prof. Dr. Eliane Maria Nogueira Dinizeres (UFAL)  
Prof. Dr. Elio José Costa (Universidade Federal da Pomerânia Sul, UFPS)  
Prof. Dr. Genara Fariñas Leoir (Univ. estadual de La Habana - Cuba)  
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)  
Prof. Dr. Guillermo Altas Beaton (Universidad de La Habana - Cuba)  
Prof. Dr. João Adalberto Campano Junior (FAP - SP)  
Prof. Dr. Jaison Aivos dos Santos (EFRR)  
Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (UR)  
Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (FFV)  
Prof. Dr. Rosana Pereira (FFP)  
Prof. Dr. Maria de Lourdes Pires de Almeida (UNICAMP)  
Prof. Dr. Maria Lúcia Imberba Sousa Colares (FOPa)  
Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernández (UNFPA - MG)  
Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (FSCar)  
Prof. Dr. Sérgio Ximenes de Jesus (FPRO)  
Prof. Dr. Solange Helena Ximenes Rocha (FOPa)  
Prof. Dr. Sylviane Santos (UEPB-PR)  
Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (FFPA)  
Prof. Dr. Tania Suley Azevedo Brasiliano (FOPa).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P479

Os pequenos pontos de partida: novos etnóimigrantes rumo à Itália no século XXI /  
organização Gláucia de Oliveira Assis, Luis Fernando Beneduzi. - 1. ed. - Curitiba,  
PR: CRV, 2014.  
232 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-444-0065-4

1. Imigrantes - História - Século XXI. 2. Italianos - América - História. 3.  
Italianos - Brasil - História. I. Assis, Gláucia de Oliveira, 1966-. II. Beneduzi, Luis  
Fernando.

14-12734 CDD: 981.04

CDU: 94(81).04

02/06/2014 05/06/2014

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004  
2014

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV  
Todos os direitos desta edição reservados pela:  
Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br

## APRESENTAÇÃO

Já no início do século XIX, nos nascentes Estados latino-americanos, sucederam-se leis feitas para favorecer a imigração europeia. O Brasil foi o pioneiro, devido à primeira lei, promulgada por Dom João VI no ano de 1808; somente depois dessa data é que disposições de teor semelhante foram emitidas pela Argentina, o Chile, o Equador e outros. A ideia de base de todas elas era que poderiam favorecer o projeto de atrair núcleos de camponeses europeus a esses países para ocupar as “colônias agrícolas”. Os documentos mostram como a política de povoamento, no caso do Sul do Brasil, aconteceu em zonas habitadas por populações indígenas. As colônias, normalmente, se encontravam longe da costa e as viagens rumo à cidade eram, antes de tudo, longas e difíceis. Esta é uma das razões pelas quais os núcleos de povoamento desenvolveram a tendência à autossuficiência. Nelas se aplicou o modelo da propriedade camponesa de tipo europeu.

No caso do estado de Santa Catarina, os italianos que chegaram ao final do século XIX, oriundos do nordeste da península, instalavam-se, inicialmente, na região em que já havia núcleos de população alemã: Itajaí, Brusque e Blumenau. Nessa mesma região, fundaram as colônias de Botuverá e Nova Trento e, em direção ao sul, Tubarão, Azambuja, Urussanga e Criciúma.

À fase política favorável à imigração europeia no Brasil sucedeu uma segunda, caracterizada pelo controle sobre imigrantes e imigração. No século XX, a partir dos anos trinta e quarenta, os imigrantes começaram a ser vistos como um obstáculo ao crescimento da nação, por conta de sua resistência à assimilação e a se “tornar brasileiros”. Durante o período do Estado Novo, foram baixadas medidas com a finalidade de colocar em operação a campanha de nacionalização dos imigrantes, colocando em questão seu pertencimento étnico e suas formas típicas de manifestação. Os espaços da ação sobre os descendentes se reduziram sobretudo ao Sul do País, região de maior colonização, com a campanha “tornar-se brasileiro” mais insistente. Durante a Segunda Guerra Mundial, depois do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo (em 1942), italianos, alemães, japoneses e seus descendentes foram co-

locados sob suspeita de serem o *inimigo interno*. Não foram raros os casos em que descendentes de italianos queimaram passaportes e outros documentos que poderiam identificá-los como italianos, expondo-os à suspeita e, conseqüentemente, ao controle e à repressão do Estado brasileiro.

Somente nos anos oitenta do século XX, com a instauração da democracia no Brasil, reiniciou-se o processo de redescoberta e revitalização das próprias raízes- italianas, alemãs ou africanas. Para o caso italiano, organizaram-se, em Santa Catarina, numerosas festas, privilegiando elementos étnicos, como o consumo de alimentos típicos (vinho e polenta).

A coletânea *Os pequenos pontos de partida: novos emigrantes rumo à Itália no século XXI*, coordenada por Gláucia de Oliveira Assis e Luís Fernando Beneduzi, representa um ponto de vista novo e atual sobre o fenômeno das migrações italianas, descrevendo a situação em que se encontram os descendentes de vênnetos e trentinos que chegaram ao Brasil há cerca 150 anos e que agora tentam fazer a viagem de volta, real ou virtual, partindo do Brasil rumo à Itália em busca de suas raízes.

Os italianos, dos quais se ocupa o livro, partem exatamente das cidades construídas nas antigas colônias levantadas no estado de Santa Catarina por seus ascendentes e se dirigem principalmente (embora não unicamente) à região do Vêneto, a "terra dos avós". Quase todos eles têm recuperado a cidadania italiana nos últimos anos, e tentam ir em busca das raízes por qualquer meio ou pretexto, como férias, bolsas de estudo ou então em verdadeira migração. Trata-se de uma circularidade migratória, completada pelos descendentes dos que primeiro migraram para o Brasil.

Como surge claramente no livro, porém, os italo-brasileiros só se descobrem imigrantes uma vez na Itália. A dupla cidadania e o sentimento de italianidade os levam a se confrontar bem rápido com um mercado de trabalho a cada dia mais em crise na Itália, que, por sua vez, os considera imigrantes como quaisquer outros e lhes reserva freqüentemente uma inclusão subalterna.

Graças ao longo trabalho de pesquisa dos autores, o livro *Os pequenos pontos de partida* mostra, de maneira excelente, as antigas raízes de uma migração recente, as expectativas de que são portadores os italo-brasileiros e estimula a todos nós a questionar as formas da cidadania no mundo atual.

Chiara Pagnotta  
Florianópolis, maio de 2014

1 Como mostra Gláucia de Oliveira Assis, muitos descendentes de italianos nascidos em Curitiba utilizam a cidadania e o passaporte italiano também para emigrar para os Estados Unidos. Ver: ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Curitiba para o mundo. Rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2011.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
<i>Gláucia de Oliveira Assis</i>	
EM BUSCA DA DIFERENÇA: a produção de identidades culturais italianas no Sul do Brasil (cenários e hipóteses de trabalho) .....	27
<i>Luiz Felipe Falção</i>	
MEMÓRIAS COMPARTILHADAS E COMUNIDADES IMAGINADAS: os italianos <i>all'estero</i> e sua construção enquanto categoria histórica .....	49
<i>Miriam de Oliveira Santos, Maria Catarina C. Zanini</i>	
A SAGA DAS MULHERES ITALIANAS E DESCENDENTES NO PROJETO MIGRATORIO - MICRORREGIÃO DE AIMORÉS - MG .....	65
<i>Sueli Siqueira, Ariete Cristina Martins de França, Sandra Nicolli</i>	
O QUE SIGNIFICA SER ÍTALO-BRASILEIRO NA ITÁLIA? ENTRE EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS, TRÊS LEITURAS .....	83
<i>Luís Fernando Beneduzi</i>	
"MIGRANDO PARA A TERRA DOS NONNOS E DA POLENTA": os urussanguenses na Itália a partir da rede social do Orkut .....	111
<i>Gláucia de Oliveira Assis, Julia Massuchetti Tomasi</i>	
MIGRANTES EM TERRA ESTRANGEIRA: retorno à terra dos antepassados .....	131
<i>Maria Catarina Chitolina Zanini, Vanja Beatriz Merlotti Herédia</i>	
CIDADANIA ITALIANA "PARA INGLÊS VER": mulheres emigrantes e relações de trabalho (Brasil – Europa, 2000-2011) .....	147
<i>Silvia Maria Fávero Arend, Marlene de Fávero</i>	

## INTRODUÇÃO

*Gláucia de Oliveira Assis*

Sempre como dizia a minha vó, lembrava a minha vó "vai com boa maneira" dizia, "sempre com a boa maneira". Dizia o meu nono "com o mei se perde as abelhas, não responde". E eu fazia bem exatamente como meus nonos diziam, sempre sim senhora, porque lá eu era uma empregada doméstica. Uma serva!

*Maria de Fátima*  
(descendente de imigrantes italianos – dez. 2012)

FAMÍLIA E TEMPO PRESENTE: arranjos familiares e fluxos migratórios (2000-2013).....	163
<i>Emerson César de Campos; Michele Gonçalves Cardoso</i>	
URUSSANGUENSES NA ITÁLIA: projetos, vivências e retorno - impactos na vida cotidiana da cidade e nas relações de gênero .....	183
<i>Gláucia de Oliveira Assis; Julia Massucheli Tomasi</i>	
TEMPORALIDADES QUE SE CRUZAM: DUPLA CIDADANIA, HORIZONTES AFETIVOS E ANCORAGENS CULTURAIS: elementos da emigração brasileira para a Itália .....	201
<i>João Carlos Tedesco</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	227

Maria de Fátima é uma descendente de imigrantes italianos que há muitos vive transitando entre os Estados Unidos, a Itália e sua cidade, Urussanga, em Santa Catarina. Na cidade, juntamente com outras mulheres, forma um grupo que canta músicas italianas, além de um programa na rádio local - "*la voce della Benedetta*" -, que tem por objetivo preservar a tradição italiana, conforme anuncia todos os domingos quando vai ao ar, constituindo uma das referências dos processos de construção da italianidade em sua cidade. Sua trajetória será retomada no artigo de Assis e Tomasi, neste livro. Nesta introdução, gostaríamos de destacar como a sua trajetória e suas vivências expressam, ao mesmo tempo, um retorno à Itália dos seus *nonos/as*, quando em seu programa - "La voce della Benedetta" - faz referências à italianidade "dos *nonos*" e também revela as experiências possibilitadas pela emigração contemporânea para os descendentes que buscam, através da dupla cidadania, "retornar" à Itália, ou emigrar para outros países europeus, num movimento que se iniciou na segunda metade do século XX e se estende no atual. Dona Maria de Fátima sintetiza esse ir e vir e os vários sentidos vivenciados, negociados e imaginados no tempo presente pela italianidade.

<sup>1</sup> Dona Maria de Fátima é descendente de imigrantes italianos; tinha 59 anos à época da entrevista, realizada em Urussanga em dezembro de 2011. Seu nome é fictício, assim como o de todos os entrevistados neste livro, um procedimento ético para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

O movimento de Maria de Fátima também mostra outras características importantes desses fluxos contemporâneos: uma maior visibilidade das mulheres migrantes, seus percursos, suas trajetórias, sua agência, bem como o caráter transnacional<sup>2</sup> desses movimentos. Como outros migrantes contemporâneos, ela e vários dos sujeitos cujas trajetórias serão aqui narradas participam de um movimento migratório que implica múltiplas relações entre a cidade de origem e os vários pontos de destino em termos de trocas econômicas, culturais, simbólicas, virtuais e afetivas, que fazem com que origem e destino dos migrantes se conectem pelas frequentes idas e vindas, pelas rennessas e investimentos na cidade, por presentes, artigos e notícias que chegam da Europa, ou pelas páginas da web, nas quais os migrantes relatam seu cotidiano. O novo caráter desses movimentos migratórios está intrinsecamente ligado ao fato de que tais fluxos ocorrem num mundo cada vez menor, com compressão do espaço pelo tempo como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação, transporte e comunicações. Desta forma, as relações entre os que partiram e os que permaneceram, os investimentos na terra natal e os movimentos de mão-de-obra se processam de maneira mais intensa e complexa, apontando para o contexto transnacional destes novos fluxos.

As migrações contemporâneas expressam a conexão entre o global e o local, criando um campo social transnacional em que circulam imagens, mercadorias, pessoas e desejos que atravessam fronteiras. A possibilidade de “estar aqui... estar lá...” permite ao emigrante contemporâneo cruzar fronteiras nacionais e, ao mesmo tempo, manter suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de rela-

ções entre a sociedade de origem e a sociedade de destino (ASSIS, 1995, 2011). Inserem-se nesse cenário as narrativas aqui apresentadas, os processos de reconstrução de italianidades promovidos pelos descendentes que se lançam no ir e vir entre a Europa e o Brasil, participando, nas primeiras décadas do século XXI, de um movimento que se iniciou em meados da década de 80, quando milhares de brasileiros partiram para os Estados Unidos, o Paraguai, o Japão e a Europa.

No início dos anos 2000, o ir e vir de brasileiros se transformou num fluxo contínuo, caracterizado por uma feminização crescente dos fluxos, pela ampliação dessa mobilidade a partir de pequenas cidades que se inserem nos deslocamentos rumo ao estrangeiro e por um direcionamento mais significativo para a Europa. Este último direcionamento está relacionado às dificuldades cada vez maiores de entrar nos Estados Unidos em razão das políticas restritivas em relação aos imigrantes, que se acentuaram principalmente após os atentados de 11 de Setembro de 2001. Além disso, ao longo da primeira década dos anos 2000, a crise econômica nos EUA, que se acentuou a partir de 2008, reorientou os fluxos rumo à Europa, principalmente em direção a Portugal, Espanha, Itália e Inglaterra.

Este é o contexto em que circulam as narrativas apresentadas neste livro, quando descendentes de italianos se lançam no movimento de volta à terra de seus ancestrais. No entanto, os italo-brasileiros que partem para a Itália neste início de século distinguem-se do fluxo de brasileiros em geral, pois, como descendentes de imigrantes que chegaram no século XIX ao Brasil e apoiando-se na legislação *jus sanguinis*, muitos descobrem na cidadania europeia uma possibilidade tanto de migrar para os Estados Unidos, quanto para a Europa (SAVOLDI, 1999 e ASSIS, 2004, 2011), pois, com o passaporte europeu, não precisavam de visto para entrar nos Estados Unidos e podiam trabalhar documentados na Europa. A cidadania italiana fornece, portanto, uma vantagem aos descendentes, que é de circular pelo mundo com o passaporte europeu e, com ele, cruzar fronteiras. Isto não significa que não enfrentem preconceitos e discriminação, como veremos pelo relatos, mas lhes permite circular no mundo globalizado. Por isso, a busca pela cidadania se transformou numa estratégia para iniciar o percurso migratório. Isto explica o movimento chamado por Savoldi (1999) de caminho inverso, pelo qual os descendentes “retornam” à terra dos antepassados,

2

Segundo Schiller, Basch e Blanc-Szaton (1992), os imigrantes passam a ser caracterizados de trans-migrantes quando desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas entre a sociedade de emigração e sua terra natal - ou articulam as fronteiras, colocando em inter-relação o global e o local. Glick-Schiller (1999) destaca, ainda, que migrantes no passado (século XIX e início do século XX) também mantinham práticas políticas transnacionais, no entanto, num mundo em que as distâncias diminuíram devido às melhorias de transporte e comunicação, também diminuíram as distâncias entre as sociedades de origem e destino, criando um complexo campo de relações sociais-transnacionais. Portanto, quando os descendentes partem rumo à Europa, inserem-se nesse fluxo transnacional e continuam a manter múltiplas conexões com a sociedade de destino - contatos por telefone, Skype, Orkut -, idas e vindas que inserem essas pequenas cidades em contato com contextos globais. Ver também Glick-Schiller (1999), Feldman Blanco (1992), Levitt (2001), Assis (1999, 2011), Campos (2004), Beneduzi (2011), Siqueira (2006).

Este “retorno” rumo à região do Vêneto tem como ponto de partida as antigas regiões de imigração italiana no sul de Santa Catarina e na Serra Gaúcha.

Tal movimento contemporâneo é marcado, em algumas situações, por uma espécie de retorno – não aquele físico do imigrante que volta para casa – imaginário do descendente à terra de seus ancestrais. Quando partem para a Itália, tais emigrantes levam na bagagem os imaginários compartilhados por seus *nonos* e *bisnonos* sobre esse lugar; sentem-se, por isso, ao voltar, como se estivessem indo “*em busca de suas raízes*”. Dois pontos comuns para os imigrantes: a busca da dupla cidadania e a recuperação da história familiar, mesmo se vividos de maneira diferente. Há casos de descendentes que mergulham em um verdadeiro *back to the roots*, enquanto outros vivem o processo migratório em uma perspectiva mais pragmática, de simples obtenção da dupla cidadania, muitas vezes reenigrando. Registram-se casos de desilusão pelo não-encontro da imagem decantada nas narrativas familiares; ao mesmo tempo, alguns imigrantes sentem-se transportados ao passado de seus antepassados (BENEDUZI, 2011; ASSIS, 2004; SAVOLDI, 1999).

A memória e o imaginário do processo migratório tornam-se, então, pouco a pouco, o elemento-chave da leitura dos descendentes sobre a terra de partida de seus antepassados. Muitos deles – alguns crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais – acabam escolhendo (com ou sem dupla cidadania) a popularmente chamada “estrada de retorno”, ou “volta às raízes”, projetando para o futuro da velha/nova terra a realização de um projeto de vida pessoal e familiar.

Neste livro, possibilitado com recursos do Edital CNPq<sup>3</sup>, buscamos refletir sobre a ressignificação das noções de pertencimento a uma Itália imaginada num contexto de fluxos transnacionais, mas também de rememoração das identidades nas regiões de colonização italiana, de complexa identificação no tempo presente.

Os artigos narram os processos de reconstrução/reinvenção das italianidades em vários sentidos – nos cenários das festas, em datas comemorativas e outros eventos cotidianos que marcam uma valorização do pertencimento à Itália, por parte dos descendentes.

3 Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA, nº 20/2010 - Relações de Gênero, Mulheres e Feminismo. Agradeco ao CNPq os recursos que possibilitaram a realização da pesquisa que resultou nesse livro.

imaginada em base aos vários relatos de imigração que circulam entre eles nas regiões de colonização italiana. Na contemporaneidade, como demonstram os trabalhos de Savoldi (1999), Severino (2004), Assis (2004, 2011), Zanini (2006), Beneduzi (2011), Zanini, Assis e Beneduzi (2013), há vários momentos de reinvenção das italianidades. Desde os relatos que narram a travessia mítica, aos imigrantes como heróis desbravadores, às festas que marcam o centenário de imigração em várias cidades do Sul do País, os processos de busca pela cidadania italiana marcam esse reencontro com a Itália imaginada, agora não mais como um lugar de partida, mas de “retorno”. Assim, juntamente com a valorização dos pertencimentos étnicos, há também uma busca por convênios com cidades na Itália de onde partiram os imigrantes, com vistas a restabelecer esses laços, a criar roteiros turísticos em regiões de colonização e, por fim, com possível emigração rumo à Europa numa espécie de “retorno” à terra dos antepassados. Em todos esses processos, a Itália é imaginada, reinventada, vivenciada e negociada, sugerindo vários sentidos para a italianidade.

A pesquisa de campo foi realizada em cidades da Região Sul do Brasil, de colonização italiana, em pequenas cidades de contextos urbanos ainda marcadas por uma cultura rural, nas quais os sentimentos de italianidade se atualizam através de festas de família, festas de centenários de imigração e festas gastronômicas. A pesquisa que norteou o projeto sobre o qual se embasa o presente livro procurou seguir o percurso dos descendentes em vários momentos em que as italianidades são vividas, negociadas e reinventadas: festas, narrativas de processos de identificação e acompanhando os e/ imigrantes em situações cotidianas, desde o momento da partida até os de busca da cidadania e o contexto da chegada à terra de acolhida.

O ponto de partida foi o contato com emigrantes que haviam voltado ao Brasil, ou então com familiares, residentes nas regiões de colonização italiana em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, de quem ainda viva na Itália. O trabalho de campo de seguir o percurso desses migrantes levou ao deslocamento dos pesquisadores

4 A noção de pertencimento a uma comunidade, imaginada no sentido de Benedict Anderson (2005), é aqui interessante para compreender como descendentes de imigrantes recriaram pertencimentos à imagem de uma Itália narrada a partir dos relatos de imigração, o que faz com que, mesmo não tendo nascido nesse país, se sintam Italianos, pois “o sangue puxa”, como dizem os descendentes (ver também Zanini, 2006).

tanto para as cidades de origem do fluxo quanto para as de destino na região do Vêneto, na Itália. Buscava-se, com isso, acompanhar o cotidiano dos emigrantes, reconstruir suas trajetórias a partir de seus relatos orais, como da observação participante dos diferentes percursos e estratégias de encenação da italianidade nos tempos atuais.

Os artigos aqui reunidos buscaram problematizar e compreender os sentidos de italianidade no tempo presente nas regiões de colonização italiana no sul do Brasil e em Minas Gerais. Esta região, mesmo não tendo constituído um dos principais destinos desses fluxos, também representou para os descendentes uma alternativa de instalação. Nela construíram suas vidas e negociaram/reconstruíram seus pertencimentos étnicos.

Os artigos abordam a produção das identidades culturais italianas, problematizando o processo de construção dessas narrativas. Este processo dialoga, em particular, com o trabalho de Severino (2004), que demonstra que embora não recriam identidades fixas, não deixam de ser processos de identificação. O mesmo se verá nos artigos de Luis Felipe Falcão, Miriam Santos e Maria Catarina Zani. Ao narrar o movimento de reinvenção das italianidades, os autores mostram como com esses processos se inicia um movimento de circulação transnacional de imaginários, produtos e pessoas. Neste sentido, contribuem também para as abordagens no campo da história transnacional<sup>5</sup>, evidenciando que os processos históricos não apenas são produzidos em diferentes lugares, mas construídos no movimento entre lugares.

Os artigos vão nos relatar, ainda, as origens do ir e vir entre a Itália e o Brasil, quer através de convênios entre as cidades, quer através da emigração rumo àquele país. O sentimento de pertencimento presente nos discursos sobre a italianidade é acionado

também no momento de emigrar. Muitos descendentes partem com a cidadania italiana ou em busca dela, pois, o passaporte italiano garante não apenas a entrada, mas a circulação na Europa, o que o torna muito valorizado pelos jovens descendentes que vêm nessa condição não apenas uma ligação com o passado, as origens, mas uma oportunidade de se inserir no mundo globalizado, de viver experiências mais cosmopolitas. Isto será mostrado também por Maria Catarina Zani e Yania Heredia, Silvia Arend e Marlene de Favari, Gláucia Assis e Julia Tomasi, Luis Fernando Beneduzi e João Carlos Tedesco, que narram os encontros e desencontros nesse processo migratório a partir de experiências diversas. Como veremos, nem sempre a cidadania italiana - o *fato de ter o mesmo sangue*, como dizem os emigrantes - garante o reconhecimento. Muitos vivem o preconceito, a discriminação e o desencanto entre a Itália imaginada e a que encontram na condição de emigrantes.

O artigo de Luiz Felipe Falcão - *Em busca da diferença: a produção de identidades culturais italianas no sul do Brasil* - analisa os investimentos materiais e simbólicos no processo de instituição de identidades culturais italianas no Brasil contemporâneo. Demonstra que, entre a chegada dos imigrantes ao Brasil no final do século XIX e os processos de busca da italianidade, principalmente do final dos anos 1970, intensificados nos anos 1980 e 1990, são processos relativamente recentes, levando-se em conta a antiguidade das referências e tradições culturais que pretendem apresentar, legitimar e representar. Segundo Falcão, nos processos que ocorrem, sobretudo no período de redemocratização do Brasil pós-ditadura civil-militar, nas várias festas e datas comemorativas, se encenam discursos de italianidade que acionam o recurso à ancestralidade (sangue, origem, tradição, língua) para marcar sua distinção em relação aos brasileiros, num contexto de identificação com a Europa. Para o autor, sangue, origem, família, religião, trabalho, tradição e língua não representaram categorias de autodefinição exclusivas dos descendentes de imigrantes de língua e/ou dialetos italianos, nem tampouco eram encontradas apenas no Sul do Brasil. Destaca, no entanto, que, nesta parte do País, tais categorias alcançaram uma dimensão especial e repercutiram em instituições como as acadêmias de letras e os institutos históricos e geográficos estaduais, nas formulações historiográficas locais, em edificações de lugares da memória, etc.

5 Casatilla (2007) argumenta que a história transnacional expressa uma tentativa de compreender a crise do Estado-nação contemporâneo, o que tem levado historiadores a direcionar seu foco de análise mais para as relações entre comunidades imaginadas e os Estados. Para o autor, isto significa enfatizar as relações entre os grupos no interior das comunidades imaginadas, demonstrando a importância de se estudar novas e diferentes dimensões da realidade histórica, migrações internacionais, redes sociais, relações entre grupos de intelectuais situados em diferentes Estados-nações, dentre outros eventos. Em Todos os eventos de travessia de fronteiras que expressam confrontação de identidades culturais e nacionais, conduziram os historiadores a partir de uma perspectiva transnacional para compreender os fluxos, os trânsitos, os processos de identificação sob um olhar alternativo dentro de uma historiografia que tinha por referência o Estado-nação.

A contribuição do texto é problematizar os cenários em que ocorrem esses processos de memorização e reinvenção das italianidades em regiões de colonização italiana em Santa Catarina no final do século XX e início de século XXI, evidenciando que tal movimento está articulado aos processos de migração rumo à Europa.

Miriam de Oliveira Santos e Maria Catarina Zanini, no texto *Memórias compartilhadas e Comunidades Imaginadas: os Italianos all'estero e sua construção enquanto categoria histórica*, analisam a relação do Estado italiano com seus emigrados e descendentes, dando atenção às construções históricas de sua formação. As autoras fazem uma análise das levadas de imigrantes que chegaram ao Brasil desde o final do século XIX e início do século XX, demonstrando como os sinais de italianidade e sua negociação com a sociedade nacional se modificam de acordo com o contexto político, ressaltando que, principalmente após a 2ª Guerra Mundial, os sinais dia-críticos de italianidade deveriam ser atenuados, confinando a língua e os costumes ao âmbito do privado. Desta forma, só a partir das comemorações do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, foram retomadas manifestações mais abertas em relação a reivindicações públicas de italianidade. A partir desse breve histórico, as autoras demonstram como se constrói a noção italiana *all'estero*, que inclui tanto os emigrados atuais, quanto os descendentes dos mais antigos, pois assim esta noção é entendida por órgãos estatais italianos e por entidades da sociedade civil italiana e brasileira. Ao incluir tanto os emigrantes recentes quanto os imigrantes mais antigos nessa noção, as autoras evidenciam como os descendentes evocam as noções de pertencimento para, por meio de relações de parentesco e partilha alongadas, acionar vários programas bilaterais estabelecidos entre os países, com vistas a reavivar essa identificação com a Itália e a reconstruir uma identidade diferenciada nas regiões de colonização italiana no Brasil, o que as conectaria com a pátria-mãe (Itália). Partindo dessa perspectiva, as autoras discutem como se dá a construção de mecanismos de pertencimento, tanto na sociedade civil quanto no Estado italiano, que estão na base do imaginário dos italianos espalhados pelo mundo.

O artigo de Sueli Siqueira, em coautoria com Sandra Nicoli e Ariete Cristina Martins de França - *A saga das mulheres italianas e descendentes no projeto migratório, microrregião de Aimorés/MG*

-, traz uma contribuição importante a essa coletânea, centrada nas experiências de imigrantes e emigrantes no Sul do Brasil, com narrativas das experiências de mulheres descendentes de imigrantes de áreas de colonização italiana que chegaram ao Espírito Santo e depois migraram para Minas Gerais. Os relatos orais sobre as lembranças da imigração contribuem para dar visibilidade a um contingente ainda pouco conhecido nos estudos da imigração: os descendentes que se tornaram agricultores em Minas Gerais e a participação das mulheres nesse processo. O artigo descreve as experiências de quatro mulheres descendentes, suas lembranças sobre a trajetória dos imigrantes italianos no Espírito Santo, sua chegada à microrregião de Aimorés/MG, revelando suas vivências no âmbito doméstico e no trabalho do campo. O artigo evidencia sua inserção nas migrações do final do século XIX e início do século XX, embora com pouca autonomia no momento de decidir emigrar, as mulheres foram fundamentais no desbravamento, na conquista e na ampliação das fazendas que hoje fazem parte do panorama desta região.

O artigo de Luis Fernando Beneduzi - *O que significa ser italo-brasileiro na Itália? Entre experiências e expectativas, três leituras* - analisa as trajetórias de três brasileiros que emigram para a Itália, cruzando as memórias de seus antepassados com as experiências de emigração para a Itália nesse início de século XXI. O autor, pelo cruzamento da experiência presente com a memória das vivências passadas, analisa as trajetórias de três descendentes de trentinos, residentes, no momento das entrevistas, na cidade de Trento, provenientes de diferentes realidades brasileiras, como a cidade de São Paulo, o interior do estado do Espírito Santo e o interior do estado do Paraná. Estuda os três momentos da experiência no contexto da partida, da chegada, nos confrontos com a nova terra e nas ressignificações das noções de pertencimento. Os relatos demonstram como o encontro com a Itália imaginada produz também desencontros e descobertas imaginadas no momento da partida, mas que vão surgindo e surpreendendo ao longo da experiência migratória. O autor destaca dois elementos fortes da fala dos três entrevistados: o não-encontro da Itália imaginada na terra de partida e a descoberta de uma brasilidade em terras italianas.

Julia Massuchetti Tomasi e Gláucia de Oliveira Assis buscam, em *Migrando para a terra dos nomos e da polêmica*: os urussan-

*guenses na Itália a partir da rede social do Orkut*, reconstruir o cotidiano dos emigrantes que partiram para a terra de seus ancestrais. Nele analisam seus perfis e o das comunidades relacionadas à migração nessa rede social. As autoras mostram, nas páginas do *Orkut*, após sua criação no ano de 2004, nas comunidades e em perfis pessoais, o dia-a-dia, assim como os trabalhos exercidos, os laços de amizade estabelecidos no novo país, que os migrantes urussangues descrevem em suas mensagens textuais e nas imagens de seu dia-a-dia a saudade dos familiares e amigos deixados na cidade de onde partiram.

As novas tecnologias permitem aos imigrantes narrar o cotidiano de suas vida e trabalho, e, ao mesmo tempo, acompanhar as festas de família, casamentos e aniversários, conectados com Urussanga e com o Brasil, e publicar nas mesmas páginas fotos da vida na Itália, assim como, ao longo de sua experiência migratória, a descoberta de serem brasileiros. Este processo é instigante, pois o movimento imaginado como retorno acaba se constituindo num processo de (re)descoberta da brasilidade.

Silvia Maria Fávoro Arend e Marlene de Fávori, no artigo *Cidadania italiana "para inglês ver": mulheres imigrantes e relações de trabalho (Brasil – Europa, 2000-2011)*, narram as trajetórias de vida de três mulheres - avó, mãe e filha - descendentes de imigrantes italianos que chegaram no final do século XIX à região sul do estado de Santa Catarina. Partindo do processo de busca da cidadania italiana, a mãe, Isabel, narra as memórias de Giulia, Isabel e Roberta, demonstrando o cotidiano de mulheres solteiras ou casadas que migraram para o continente europeu durante a primeira década do século XXI. Nos relatos de Roberta e Isabel, as dificuldades de conseguir a documentação, a discriminação e o preconceito vividos na Itália; ao mesmo tempo, o significado do passaporte – conseguir a cidadania para poder circular pelo mundo (Inglaterra, Alemanha, Áustria). Querem mostrar, particularmente nesse caso, que a cidadania, mais do que significar uma ligação com a terra dos *nomos e nonas* (seu passado), possibilita uma inserção, mesmo que subalterna, no mundo globalizado, como trabalhadoras no mercado secundário de trabalho.

Maria Catarina Zanini e Vânia Heredia, no artigo *Migrantes em terra estrangeira: retorno à terra dos antepassados*, buscam compreender, a partir de um trabalho de campo na região nordeste e

na região central do estado do Rio Grande do Sul, zonas de imigração italiana no final do século XIX, os movimentos que no início do século XXI emigram para a região do Vêneto, na Itália. A pesquisa foi realizada na Itália e no Rio Grande do Sul no ano de 2012, com o propósito de analisar as motivações desse fluxo migratório, com o qual muitos emigrantes, descendentes de imigrantes italianos do século XIX, imaginam estar retornando à terra dos ancestrais. Os relatos demonstram as experiências diversas de migração e o estabelecimento na Itália, bem como o choque vivido pelos emigrantes, mesmo sendo descendentes, em função do preconceito e das precárias condições de trabalho e de vida, apesar de a sabermos a terra de seus antepassados.

Emerson Cesar de Campos e Michele Cardoso, no artigo *Família e tempo presente: arranjos familiares e fluxos migratórios (2000-2013)*, analisam os rearranjos familiares ocorridos na cidade de Criciúma/SC em função das migrações internacionais. Problematizam, no contexto das mobilidades contemporâneas, como o deslocamento de um dos membros do grupo familiar produz uma nova organização familiar, com redistribuição de tarefas e renegociação das responsabilidades de cada indivíduo. Nesse processo de renegociação, estabelecem-se novas atribuições de gênero, uma vez que muitas mulheres passam a conviver com seus companheiros a distância. Os relatos demonstram que, mesmo acompanhando a vida dos familiares através de cartas, telefonemas ou pela internet, o membro que está longe não consegue colocar em prática algumas decisões da família. Dessa forma, cabe às mulheres que ficaram na cidade de origem assumir um papel bastante dinâmico: liderar uma família marcada pela realidade migratória. Estes rearranjos podem ocorrer também quando estas mulheres se inserem no fluxo migratório. Muitas deixam seus filhos com outros familiares e, juntamente com os companheiros ou sozinho, partem para outros países, assumindo outros papéis em seus núcleos familiares, como, por exemplo, o da provisão financeira. Os autores, ao evidenciar as novas configurações familiares, possibilitam perceber as implicações das migrações internacionais na sociedade de origem, demonstrando, além dos impactos econômicos, os impactos nas relações afetivas, que alteram suas vivências em particular, como também em seus grupos sociais.

Gláucia de Oliveira Assis e Julia Massucheti Tomasi, em *Urussanguenses na Itália: projetos, vivências e retorno - impactos na vida cotidiana da cidade e nas relações de gênero*, analisam uma Urussanga marcada pelos processos de reconstrução da italianidade, com festas como a do Vinho e a do Retorno Alle Origini, que enfatizam a memória da imigração. Como em outros artigos desse livro, os imigrantes são enaltecidos e celebrados na historiografia da cidade pela marca da civilização europeia trazida para a região. Suas trajetórias enfatizam o trabalho, a família e a religião, valorizando também a origem étnica de cada grupo. As autoras demonstram como esses significados sobre ser italiano foram se modificando ao longo do século XX, mais particularmente a partir das festas de centenário de imigração, quando se reinventaram esses pertencimentos e os laços com a Itália. Nesse cenário, os urussanguenses começam a partir rumo aos Estados Unidos e à Itália. Estas experiências são narradas com base nos relatos orais de diferentes gerações de descendentes. As autoras demonstram como as mulheres migrantes vivenciam a experiência de conseguir a dupla cidadania, de circular pelo mundo reconstruindo imagens do Brasil e da Itália. Tais vivências expressam a hibridização dos processos de identificação nas variadas maneiras de ser descendente de italiano em Urussanga. Demonstram ainda como as mulheres conseguem renegociar suas posições de gênero, com maior autonomia e decisão em todo o processo migratório - como o momento da partida, do retorno e o que fazer com os investimentos - , mostrando como deixam de "apenas acompanhar os maridos ou namorados" para efetivamente se inserir no processo.

João Carlos Tedesco, no artigo *Temporalidades que se cruzam: dupla cidadania, horizontes afetivos e ancoragens culturais: elementos da emigração brasileira para a Itália*, analisa os processos de dupla cidadania e os encontros e desencontros com a Itália vivenciados pelos descendentes que emigram rumo à Itália. Tedesco analisa como as ligações históricas entre o Brasil e a Itália permitem compreender as conexões entre a *velha* imigração e o atual movimento de emigração. Dessa forma, as redes informais de amigos, parentes, conhecidos, bem como as redes formais viabilizadas por intermédio de intercâmbios institucionais - *gemellaggi*, acordos de cooperação e políticas de quotas de entradas de imigrantes e, por

fim, as políticas públicas italianas - têm favorecido o que o autor denomina de atualização histórica do fenômeno migratório entre os dois países. As narrativas confirmam o mesmo que outros trabalhos dessa coletânea, que muitos descendentes se descobrem brasileiros na Itália, pois, embora tenham a cidadania, não são identificados como italianos, ao mesmo tempo que atendem aos interesses de uma migração etnicamente controlada. Assim, a dupla cidadania ora discrimina ora inclui os descendentes, pois, embora na prática cotidiana no mundo do trabalho muitos descendentes se sintam discriminados, há outros contextos nos quais o pertencimento a uma certa italianidade do passado de seus *nonnos/as* é evocado e valorizado. Por fim, o autor estuda os laços afetivos que unem brasileiras e italianos e a importância das redes sociais nesses contatos, seja por parte de italianos, seja pelas mediações de "conhecidos" que dão o aval para a decisão das uniões. Dentre outros aspectos, a condição de *oriundi* foi listada por imigrantes como fundamental para o casamento. Por fim, destaca os imaginários que circulam por essas redes acerca da mulher brasileira e o quanto influem nessa circulação dos afetos. A dupla cidadania, portanto, inseriu os descendentes em múltiplas vivências, em negociações de seus pertencimentos étnicos; evocando as imagens do passado, evocam e atualizam a migração no presente.

Nesses trânsitos, circulam reconfigurações identitárias. A cidadania italiana está sempre sendo negociada por brasileiros descendentes, que veem nesse processo um caminho de entrada na Europa e de volta à terra dos seus antepassados. Ao mesmo tempo, permite descobrir as múltiplas italianidades e brasilidades vividas e negociadas ao longo do processo migratório. Ao chegar à terra que imaginavam conhecer, descendentes descobrem-se brasileiros, ao mesmo tempo em que buscam reconhecer a Itália imaginada ao atravessar fronteiras. Os fatos, porém, os levam a negociar pertencimentos, a construir conexões entre o Brasil e a Itália, a configurar trocas, encontros e desencontros que marcam os processos de identificação no mundo contemporâneo.

Voltando ao início, as trajetórias aqui narradas nos revelam esse ir e vir e a configuração desses laços transnacionais nos quais circulam pessoas, bens, afetos. Como diz Maria de Fátima, "então, eu tenho cidadania brasileira porque eu nasci aqui, italiana pelo sangue e americana por direito. Hoje eu posso viajar pelo mundo..."

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSIS, Gláucia O. Estar aqui... Estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos. In: REIS, R. R. e SALES, T. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. 348 p.
- \_\_\_\_\_. SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. In: *REMHU* (Brasília), v. 16, p. 25-46, 2009.
- BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, v. 1, p. 3-35, 1995.
- \_\_\_\_\_. BÓGUS, Lúcia Maria. Italianos para o Brasil, brasileiros para a Itália: dois momentos da imigração internacional. In: Paviani, Jayme; Dal Ri Junior, Arno (Orgs.). *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. pp. 295-313.
- BAUMAN, Zygmunt. Turistas e vagabundos. In: \_\_\_\_\_. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 85-111.
- BENEDUZZI, Luis Fernando. *Os fios da nostalgia*. Perdas e ruínas na construção de um vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- \_\_\_\_\_. Narrativas de uma imigração esquecida: imagens, escolhas e percursos da imigração de mulheres brasileira na Itália. In: *História Oral (Rio de Janeiro)*, v. 12, p. 225-248, 2009.
- CAMPOS, Emerson de. *Territórios deslizados: micelâneas e experiências na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)*. 2003. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História - UFSC, Florianópolis.
- CASALLILA, Bartolomé Yun. "Localism", global history and transnational history: a reflection from the historian of early modern Europe. In: *Historisk Tidsskrift*. 127:4. 2007, p. 658-678.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: GLICK-SCHILLER, N. G. BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. *Towards transnational perspective on migration*. *Annals of the New York Academy of Sciences*. New York, 645, p. 145-73, 1992.
- FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK: New York's two waves of immigration*. New York: Russell Sage Foundation, 2000.
- GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda and BLANC-SZANTON, Cristina. Towards transnational perspective on migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*. New York, 645, 1992.
- GLICK SCHILLER, Nina. Transmigrants and Nation-States. Something Old and Something New in the U.S. Immigrant experience. In: HIRSCHMAN, C. KASINITZ, P. and DEWIND, J. (Editors). *The Handbook of international migration: the American experience*. New York: Russell Sage Foundation. 1999. p. 94-119
- SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - UFSC, Florianópolis.
- SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz: CCBB, 1996.
- SEVERINO, Roberto José. *Noi orinudi: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina*. 2004. Tese (Doutorado em História) - Programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares - Sonhos e frustrações no retorno*. 2006. 200f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas - Sociologia e Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ZANINI, Maria Catarina C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria*. UFSM, Santa Maria/RS, 2006.